

VOCÊ LIGA PARA O PANDA?



MAURÍCIO WALDMAN



EDITORA KOTEV
SÉRIE MEIO AMBIENTE 3

VOCÊ LIGA PARA O PANDA? ¹

MAURÍCIO WALDMAN ²

Desde finais do século passado a questão do meio ambiente tem monopolizado as atenções de amplos segmentos sociais. Caberia arrematar, não sem motivo.

A escassez crescente de recursos, a poluição em larga escala do solo, do ar e das águas e os deletérios efeitos do aquecimento global são problemas que podem efetivamente comprometer o futuro da espécie humana.

Por isso mesmo, o equilíbrio ambiental tornou-se um paradigma central em muitas das políticas públicas e igualmente, uma temática indispensável no cotidiano escolar. A educação ambiental usufrui, neste sentido, importância estratégica.

Ninguém contestaria, a mudança das atitudes diante da natureza tem na sala de aula um espaço fundamental na promoção de novos procedimentos e consolidação da consciência ambiental.

Nesta perspectiva, a percepção construída a respeito da defesa da natureza interessa a todos os educadores. Afinal, as pessoas se mobilizam a partir do que é conceituado como conservação da natureza. Isto é, tendo por marco uma *esfera imaginária do natural*.

Nesta perspectiva, integrariam a iconografia de senso comum da natureza, paisagens como a Mata Atlântica, o Pantanal e a Amazônia, assim como as baleias, os golfinhos, a ararinha azul, o mico-leão-dourado e certamente, o simpático urso panda (Figura 1).

Transformados em verdadeiros ícones da questão ambiental, estas representações, de presença marcante na mídia e no apelo publicitário, são onipresentes de igual modo nos trabalhos escolares apresentados no transcorrer de comemorações como a Semana do Meio Ambiente e em outros eventos com perfil ecológico.

Assim tem sido durante muitos anos, sendo que do ponto de vista da construção do conhecimento, a repetição destas imagens reforça a influência que desfrutam de uma maneira incontestável.



FIGURA 1 - Instantâneo de Pandas saboreando refeição de colmos de bambu no Tibete Oriental, habitat desta espécie (Foto: Pinterest, < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 13-02-2018).

Entretanto, na opinião do autor deste texto, esta postura poderia no mínimo ser questionada. Seguem, pois algumas indagações pertinentes sobre o tema:

- Trabalhando esta reserva imaginária do natural estaríamos de fato defendendo o meio ambiente?
- Centrar a atenção nas espécies da vida selvagem consolidaria a defesa dos seus *habitat*, poupando-as da extinção?
- Por fim, sendo mais incisivo: este modelo contribui para que as pessoas alterem seu relacionamento com o meio natural?

Estas perguntas apontam para vários questionamentos. Um destes diz respeito à própria configuração do que é proposto como meio ambiente e de sua interação com o cidadão comum.

É de se notar, por exemplo, que as espécies animais eleitas para representar a defesa ecológica habitam espaços situados a milhares de quilômetros de distância de onde moramos ou mesmo do nosso país.

Efetivamente, o contato com o mico-leão-dourado, com a jaguatirica ou com as tartarugas marinhas ocorre, quando muito, ao manipularmos as cédulas de papel-moeda ou então, através dos zoológicos ou das imagens veiculadas pela mídia.

Não haveria como contestar, um processo de socialização envolvendo uma percepção enviesada do meio natural explica a hegemonia destas imagens.

O povoamento deste imaginário do natural inicia-se já com os bichos de pelúcia, que por sinal raramente representam exemplares do patrimônio faunístico nacional.

As vedetes do zoológico de pelúcia são raposas, renas, focas, pinguins, elefantes, águias, hipopótamos e girafas, e neste conjunto, uma virtual hegemonia de diversos tipos de ursinhos (Figura 2).



FIGURA 2: Diversos modelos de ursos de pelúcia encontrados no comércio brasileiro especializado no público infantil (Foto: Pinterest, < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 12-02-2018).

A familiaridade com a “fauna virtual” é reforçada pelos desenhos animados, histórias em quadrinhos, propaganda, pelo receituário televisivo e inclusive, por muitos livros didáticos.

Entretanto, onde é que estão o lobo-guará, a onça-pintada ou o tamanduá-bandeira nesta coleção de bonecos fofinhos que tanto deleitam nossas crianças?

Daí que reconhecidamente impera uma autêntica *engrenagem de deseducação ambiental*, responsável pela difusão de uma iconografia que impregna o público jovem com um cenário natural que simplesmente não existe no território nacional.

Assim, não é de se admirar que largo segmento da opinião pública termine adotando o panda, espécie que habita as longínquas montanhas do Tibete, enquanto alvo preferencial de preservação.

Ao mesmo tempo, dezenas de espécies nativas, igualmente ameaçadas de extinção, não são merecedoras de atenção por parte da imprensa e nem mesmo do próprio movimento ecologista.

Trata-se de um fato paradoxal quando se sabe que o nosso país é dotado de meritória biodiversidade, reunindo de acordo com inúmeros especialistas, entre 20 e 25%% da fauna do Planeta.

Outro aspecto, mais sério, é que o imaginário dominante de natureza prioriza espaços distantes e desprovidos de presença humana: serras distantes, vastas cordilheiras e imensas massas oceânicas.

Note-se que todas as paisagens mencionadas constituem referências não-urbanas, um dado surpreendente quando se sabe que os principais problemas ambientais do globo, assim como do Brasil, têm por cenário o meio urbano, particularmente as metrópoles.

Arrematando, mesmo a ênfase em ambientes remotos não prioriza os sistemas naturais no aspecto propriamente ecológico, mas sim nos componentes paisagísticos bem ao gosto da indústria do turismo.

Logo, agregam pouco valor à consciência ambiental e menos ainda no sentido prático.

Deste modo, a representação da natureza que é oferecida diz respeito a mitologias territoriais, simbólicas e biológicas elaboradas pela indústria cultural, com enorme repercussão nas atitudes assumidas pelos cidadãos.

Formatando o que poderia ser entendido como uma *cidadania ambiental mítica*, esta fabulação deve, contudo ser revista e substituída por novos parâmetros, a começar pelo que discutimos em sala de aula.

Em primeiro lugar, vale insistir que o ambiente de vida por excelência da Modernidade é a cidade e os dinamismos que a sustentam. Afinal, a tartaruga marinha não é nossa vizinha, ninguém compra leite na padaria do mico-leão-dourado ou então, faz ligação telefônica para o urso panda.

Por conseguinte, o meio urbano tem que estar no centro das preocupações dos educadores.

Sem com isso desqualificar as espécies em extinção ou as paisagens naturais ameaçadas, solicita-se que as cidades transitem nos discursos ambientais com a mesma ordem de importância que elas concretamente possuem na vida cotidiana das pessoas.

Em segundo lugar, vamos propor, preferencialmente de modo imediato, que as pessoas cuidem do que realmente está no seu alcance para proteger o meio ambiente.

É muito fácil (para não dizer cômodo), assinar manifestos em favor do Pantanal, dar aula sobre sustentabilidade dos ecossistemas ou escrever artigos sobre a baleia, ao mesmo tempo em que não se faz nada de concreto no próprio espaço de vida.

É fundamental revermos nossa pauta de consumo e colocar um ponto final num modo de vida perdulário em recursos naturais.

No mundo de hoje, é necessário apagar a luz quando saímos de um quarto, fechar a torneira sempre que necessário e por um ponto final no desperdício dos alimentos.

Adotando estas atitudes com toda certeza seremos bem mais eficazes na defesa do meio ambiente.

Por fim, certo é que poderíamos ser questionados por estarmos “abandonando o mundo selvagem” e quiçá, a própria natureza.

Mas, não nos deixemos enganar. A vida selvagem não está desaparecendo por falta de legislação ou de ativismo por parte das ONGs.

As espécies estão ameaçadas porque a civilização moderna está consumindo como nunca os recursos dos ambientes onde milhares de espécies de insetos, aves, peixes, anfíbios, répteis e mamíferos vivem e se reproduzem.

A melhor forma de proteger todas as formas de vida, notáveis parceiras da caminhada da Humanidade, dispensa declarações lacrimejantes, rios de tinta, discursos vazios ou passeatas furiosas.

Indo direto ao ponto: defender a natureza começa quando apagamos a luz, fechamos a torneira e separamos o lixo das nossas casas. Simples assim.

A baleia, o mico e o panda agradecem!

Podem ter certeza disso.

¹ **Você Liga para o Panda?** refere-se a um tema desenvolvido em diversas palestras motivacionais desenvolvidas pelo autor em sala de aula e eventos. Foi formatado em artigo eletrônico disponibilizado na *home page* da Cortez Editora como parte das comemorações do Dia Mundial do Meio Ambiente do ano de 2009. Posteriormente, uma versão sintética deste material foi publicada na forma de artigo para coluna *Pensar e Repensar*, sob titularidade do autor, pelo jornal *O Imparcial*, de Presidente Prudente (SP), sob o título *Você já enviou e-mail para o Panda?*, edição de Quarta-feira, 24 de Novembro de 2015, Seção Opinião, página 3a. A presente edição deste texto foi masterizada em 2018 pela **Editora Kotev** (Kotev ©) para fins de acesso livre na Internet. **Você Liga para o Panda?** incorpora revisão ortográfica com base nas regras vigentes quanto à norma culta da língua portuguesa, cautelas de estilo, repaginação normativa e normatizações editoriais inerentes ao formato PDF, também permitindo consulta em aparelhos celulares. A confecção da edição digital contou com a Assistência de Editoração Eletrônica, Pareceres Técnicos e Tratamento Digital de Imagens do *webdesigner* Francesco Antonio Picciolo, Contato E-mail: francesco_antonio@hotmail.com, Site: www.harddesignweb.com.br. Anote-se que editorialmente, o texto de **Você Liga para o Panda?** é um material gratuito, sendo vedada qualquer forma de reprodução comercial e igualmente, de divulgação sem aprovação prévia da **Editora Kotev** (Kotev©). A citação de **Você Liga para o Panda?** deve obrigatoriamente incorporar referências ao autor, texto e apensos editoriais conforme padrão modelar que segue: WALDMAN, Maurício. *Você Liga para o Panda?* Série Meio Ambiente Nº. 3. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2018.

² **Maurício Waldman** é antropólogo, jornalista, pesquisador acadêmico e professor universitário. Militante ambientalista histórico do Estado de São Paulo, Maurício Waldman somou a esta trajetória experiências institucionais na área do meio ambiente e uma carreira acadêmica diversificada, com contribuições nas vertentes da antropologia, geografia e sociologia. Antigo colaborador do líder seringueiro Chico Mendes, ativista de movimentos em defesa da Represa Billings e um dos veteranos da Assembleia Permanente de Entidades em Defesa do Meio Ambiente (APEDEMA, SP), Waldman foi elencado no ano de 2003 em enquete do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) como um dos trinta ambientalistas históricos do Estado de São Paulo. Nos anos 1990, participou no CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação) e em diversas entidades ecológicas, dentre as quais o Comitê de Apoio aos Povos da Floresta de São Paulo. No plano institucional, Waldman foi Coordenador de Meio Ambiente em São Bernardo do Campo (SP) e Chefe da Coleta Seletiva de Lixo na capital paulista. Foi colunista, articulista e/ou colaborador da Agência Ecumênica de Notícias (AGEN), do jornal Diário do Grande ABC, Folha de São Paulo (Seção do Grande ABC), revista Tempo & Presença, site da Editora Cortez, boletim Linha Direta, revista Teoria & Debate, revista Ambiente Urbano, site do Prof Assessoria em Educação, site Cultura Verde, Secretaria de Comunicação de São Bernardo do Campo, jornal O Imparcial e da revista Brasil-África Magazine. Autor/coautor de 18 livros, 26 *e-books* e de mais de

700 artigos, textos acadêmicos e pareceres de consultoria, Maurício Waldman escreveu, dentre outras obras, *Ecologia e Lutas Sociais no Brasil* (Contexto, 1992) e *Antropologia & Meio Ambiente* (SENAC, 2006), primeira obra brasileira no campo da antropologia ambiental. Maurício Waldman é graduado em Sociologia (USP, 1982), licenciado em Geografia Econômica (USP, 1983), Mestre em Antropologia (USP, 1997), Doutor em Geografia (USP, 2006), Pós Doutor em Geociências (UNICAMP, 2011), Pós Doutor em Relações Internacionais (USP, 2013) e Pós Doutor em Meio Ambiente (PNPD-CAPES, 2015).

Mais Informação:

Portal do Professor Maurício Waldman: www.mw.pro.br;

Maurício Waldman - Textos Masterizados: <http://mwtextos.com.br/>

Currículo Lattes-CNPq: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>;

Biografia Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman.

Email: mw@mw.pro.br

CONHEÇA A SÉRIE MEIO AMBIENTE



<http://mwtextos.com.br/serie-meio-ambiente/>



Os debates sobre MEIO AMBIENTE são um pilar central de atuação da EDITORA KOTEV, publicadora digital que entrou em atividades no ano de 2016. Também trabalhamos com temas relacionados com RELAÇÕES INTERNACIONAIS, AFRICANIDADES, CARTOGRAFIA, ANTROPOLOGIA e EDUCAÇÃO POPULAR.

Saiba mais sobre a EDITORA KOTEV. Acesse nossa página:
<http://kotev.com.br/>

Qualquer dúvida nos contate. Estamos à disposição para atendê-lo:
atendimento@kotev.com.br